

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

ANA MARIA BRASIL OLIVEIRA

Estudos de cor nas Artes Visuais: práticas escolares

Porto Alegre

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

ANA MARIA BRASIL OLIVEIRA

Estudos de cor nas Artes Visuais: práticas escolares

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientadora: Profª Drª Dorcas Weber

Banca examinadora: Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi e Profª Drª Andrea Hofstaetter

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade dada por Deus e pela vida de desenvolver minhas habilidades e aprofundar meu amor pela Arte. Sou grata a todos os professores a que tive a honra de ser aluna, mas especialmente, à minha orientadora Professora Dorcas Weber e o meu Professor de Estágio Cristian Mossi.

RESUMO

O presente trabalho, teve como principal motivação entender a maneira como vem sendo realizado o estudo da cor no ambiente escolar, especificamente nas aulas de Artes Visuais. Em busca de esclarecer esta inquietação, realizou-se uma pesquisa e investigação, partindo de estudos teóricos realizados por autores como Aristóteles, Da Vinci, Newton e Goethe. Para compreender a abordagem do tema no contexto escolar, foi realizado um contato com docentes de Artes Visuais por meio de questionário on-line. A partir de um recorte específico no quadro de docentes de Artes Visuais do Rio Grande do Sul, pode-se entender, de modo amplo, como este tema integra as práticas docentes. Ao concluir a coleta dos dados do referido questionário, observou-se que tanto as experiências pessoais com a cor como os estudos da cor realizados no contexto escolar, de modo geral foram superficiais, o que reflete no exercício da docência, no que concerne a realização de estudos sobre cor.

Palavras-chave: Ensino de Arte; Artes Visuais; Cor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Réplica do disco de Newton	9
Figura 2. Círculo cromático de Goethe - 1809	10
Figura 3. Phebo, Beatriz Milhazes, acrílica s/tela	17
Figura 4. Invenção da Praça Mágica Penetrável a cor, Hélio Oiticica	18
Figura 5. Sem título, Hércules Barsotti	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 TEORIZAÇÕES SOBRE A COR	8
2 PSICODINÂMICA DAS CORES	12
3 A COR NA CULTURA VISUAL	15
4 A COR NA ARTE	16
5 A COR NO ENSINO DE ARTE	20
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

As cores estão em nossa vida desde que nascemos. Elas expressam nossas preferências e emoções. Convivemos diariamente com escolhas que vão desde nossa casa até ao que consumimos. Neste contexto, as cores funcionam como informações externas de nossa personalidade e visão acerca do que nos rodeia. Sua exploração é massiva em todos os setores da sociedade, porém o conhecimento de sua história, composição e psicodinâmica é, em geral, restrito àqueles que fazem uso da cor em suas profissões.

A cor tem uma força poderosa para influenciar, expressar, promover, mas é também uma ferramenta de manipulação. Cada indivíduo reage de maneira própria à cor, levando em consideração seu ambiente, seu contexto histórico e sua cultura. Sabendo disso, a indústria de marketing e propaganda, tem na cor uma potente aliada, influenciando sutilmente na decisão de compra e consumo das pessoas, utilizando-a nas embalagens e na aparência dos produtos, como fator delimitante na aquisição entre as classes sociais mais ou menos favorecidas.

Contudo, a cor pode ser usada como elemento benéfico para os cuidados com a saúde. Na área médica, principalmente no ambiente hospitalar, a cor auxilia no bem-estar dos pacientes. Na Arte sua importância é significativa, produzindo estilos variados, que se caracterizam em cada forma como a cor se estabelece no pensamento, na investigação e expressão do artista.

Entendendo a importância da cor nos vínculos entre os aspectos físico, emocional e psicológico do indivíduo, sua abordagem na educação é imprescindível a fim de buscar uma formação mais integral na qual as pessoas sejam mais conscientes do mundo em que vivem.

Minha inquietação quanto ao estudo das cores, advém de minhas próprias experiências, sendo a primeira delas na escola, enquanto aluna. Meu primeiro contato com as cores, como objeto de estudos, aconteceu quando ingressei no, então denominado, Jardim de Infância, com 5 anos, quando me apaixonei imediatamente e, no decorrer da vida estudantil, essa paixão não diminui. Mas, o

contato com estudos sobre as cores foi diminuindo, talvez, por um currículo que não favorecia seu estudo e muito menos experiências com elas.

Anos mais tarde, acompanhei o percurso escolar de minhas filhas, e pude observar a pouca importância sobre o estudo das cores. Poderia dizer que, inclusive, o direito da utilização de material para colorir em sala de aula era cerceado.

Em 2019, aluna do curso de licenciatura em Artes Visuais, realizei um estágio em uma escola de Ensino Fundamental e, mais uma vez, pude ter contato com o estudo sobre cor no espaço escolar. Notei que a mesma experiência vivenciada enquanto aluna e, depois, observada com minhas filhas, se mantinha presente e inalterada. Desta forma, percebo que a abordagem do estudo das cores na educação escolar está diretamente proporcional à inserção da Arte no currículo.

Hoje, ao final do curso de licenciatura, após ter realizado estudos mais aprofundados sobre a cor e, principalmente, por compreender como a cor é presente no nosso cotidiano de distintos modos influenciando nossa cultura, percebo a urgência em conhecer o que os professores atuantes nas escolas pensam e fazem com relação a esta temática. A partir disso, pretendo buscar inspiração e aliados para propor ações que ampliem este conhecimento nas práticas de ensino em Artes Visuais no momento em que estiver atuando como docente.

Desta forma, nesta pesquisa busquei desenvolver um estudo sobre os modos como as cores são abordadas, nas aulas de Artes Visuais, no espaço escolar, a fim de pensar ações para abordar estudos sobre a cor não apenas artisticamente, mas também sua história em outras áreas do conhecimento e, assim, ampliar a visão usual sobre as cores, para uma dinâmica mais próxima da realidade dos alunos.

Para sua efetivação deste estudo, foi realizada uma pesquisa teórica a fim de compreender e elaborar o referencial que sustenta esta pesquisa. Na sequência, foram realizadas entrevistas com professores de Artes Visuais do Rio Grande do Sul, para compreender como estes vêm desenvolvendo estudos sobre cor em suas práticas pedagógicas.

1 TEORIZAÇÕES SOBRE A COR

Etimologicamente a palavra cor deriva de outras duas palavras, originárias do latim: color + óculo = cor + ocultar, ambas provém de uma raiz indo-européia = kel, esconder. Colorir é também esconder com cores. A cor não é matéria, mas uma sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão.

Epicuro de Samos, filósofo grego, há mais de 2.300 anos, afirmou que: “a cor guarda íntima relação com a luz, uma vez que quando falta luz, não há cor” (PEDROSA, 2008, p. 19). Teorizar a respeito das cores é viajar na história da humanidade. Existem várias teorias sobre a cor, entre as quais: do filósofo grego Aristóteles, do pintor Leonardo da Vinci, do físico Newton e do filósofo Goethe. A seguir, descrevo, brevemente, aspectos sobre o estudo da cor, apresentados por alguns desses teóricos.

Aristóteles (384 a.c - 322 a.c) afirmou ser a cor uma propriedade dos objetos, bem como o peso, a textura e o material. Para ele as cores mais simples seriam as dos quatro elementos: ar, fogo, terra e água. Sua visão era baseada na observação da luz do sol que ao atravessar o objeto, escurece. A cor era derivada de uma transição do claro para o escuro, de outra forma, como uma sobreposição do preto e branco. A partir do séc. XVII, sua teoria passou a suscitar dúvidas com a descoberta das cores indiferentes, de películas muito finas, como a bolha de sabão, em que as cores mudam, conforme o ângulo de observação.

Leonardo da Vinci (1452 -1519), ao contrário de Aristóteles, afirmava ser a cor propriedade da luz. Em seu livro *Tratado da Pintura e da Paisagem* (1651), foram reunidas suas pesquisas e anotações referentes ao estudo da cor dentro da perspectiva pictórica. Para ele, dentre a infinidade de cores produzidas existiam apenas quatro cores simples: o amarelo, o verde, o azul e o vermelho, às quais assim denominava por não serem o resultado da mistura de outras cores. Formam duas tríades de cores-luz: vermelho, verde e azul; e, de cores-pigmento: vermelho, amarelo e azul. Apesar de já existirem pesquisas a respeito da luz branca, da Vinci foi o primeiro a realizar a comprovação experimental da existência da mesma. Identificou que a sombra é colorida e defendia a tese “de que a sombra participa da

cor do objeto de acordo com a menor ou maior distância, e com o grau de luminosidade do mesmo” (PEDROSA, 2008, p. 73).

Isaac Newton (1642 - 1727) realizou estudos sobre os fenômenos luminosos com base na luz solar, os resultados de suas pesquisas são o tema de seu livro *Óptica - ou um Tratado sobre a Reflexão, a Refração e as Cores da Luz*. Ao interceptar um raio de luz em um prisma, observou surgirem as cores do espectro, que ao atravessarem outro prisma recompunham a luz branca original. Assim, deduziu que a separação espacial das cores simples acontece devido ao grau de refração como conclusão. As aferições dos raios refratados possibilitaram a Newton retirar a noção da cor do âmbito das impressões subjetivas para introduzi-la no caminho das medidas e verificações matemáticas.

Os trabalhos de Newton contribuíram enormemente para o desenvolvimento da Ciência, no que se refere à cor. Em seus estudos, criou o disco das cores, que é dividido por raios em sete partes, que são as cores do espectro: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta, conforme figura abaixo:

Figura 1. Réplica do disco de Newton



Fonte: Disponível em www.ssp/prints.com/image/99813/newtons-coçous-disc-apparatus-late-19h.

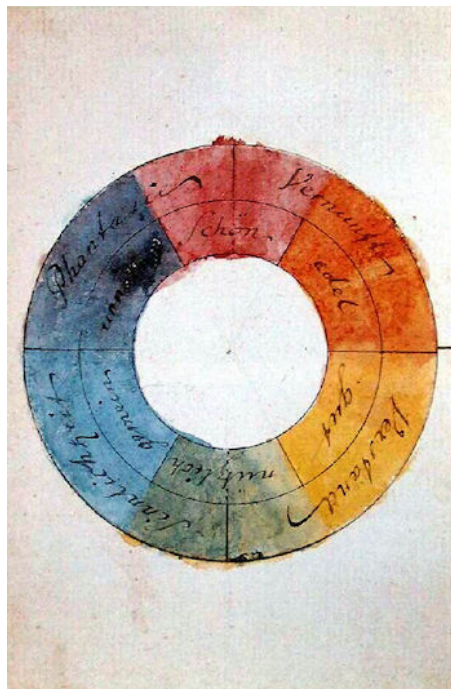
Acesso em 03 nov. 2020.

Goethe, (1749 - 1832) contrário à teoria de Newton que dizia ser a luz branca formada pelas luzes coloridas do espectro, considerava a cor como um efeito, que dependente da luz, não era a própria luz. Sua teoria sobre as cores foi mais

especificamente direcionada para a Fisiologia e a Psicologia, dividindo-as em cores fisiológicas - produzidas pelo órgão visual, cores físicas - fenômeno concomitante ou derivados de meios incolores e as cores químicas - as que poderiam ser imaginadas como parte integrante do objeto. Pesquisador incansável e questionador das teorias já existentes, Goethe percebeu a importância do fenômeno das sombras coloridas para a Teoria das Cores.

Por meio de experiências da influência da cor sobre o psiquismo humano e sua eficiência no domínio estético, Goethe forneceu elementos fundamentais para o desenvolvimento dos estudos psicológicos da cor e a base de nova simbologia cromática espiritualista. De todos os pesquisadores, Goethe é o que exerce maior influência sobre os intelectuais e artistas contemporâneos sobre a utilização dos princípios cromáticos.

Figura 2. Círculo cromático de Goethe - 1809



Fonte: Disponível em <https://study.com/academy/lesson/goethes-color-theory.html>. Acesso em 04 nov. 2020.

De Aristóteles a Goethe muitas pesquisas e experiências foram realizadas sobre o estudo das cores, o que revela sua importância em várias áreas do conhecimento. Apesar das diferentes abordagens, entre os teóricos citados existe um fundamento comum entre eles, que é o profundo interesse sobre a influência da

cor nas culturas e no cotidiano das sociedades. Os estudos acima descritos, mais tradicionais, e relacionados a estudos de Física, nem sempre são mencionados no espaço escolar. Contudo, vale lembrar que mesmo passados muitos anos, seus estudos seguem sendo referenciais para estudos e produções contemporâneas em diferentes áreas de conhecimento, inclusive naqueles desenvolvidos no contexto escolar.

2 PSICODINÂMICA DAS CORES

Segundo Sigmund Freud (1856-1989) considerado o fundador da abordagem psicodinâmica, referiu-se aos processos psicológicos que são fluxos de psicoenergia num cérebro complexo, estabelecendo uma psicodinâmica na base da energia psicológica, que refere-se a libido. Quando tratamos da psicodinâmica das cores, elas são o estímulo visual ao qual o ser humano reage consciente ou inconscientemente. A cor é uma onda luminosa, um raio de luz branca que atravessa nossos olhos. Os olhos são nossa “máquina fotográfica” com a objetiva sempre pronta a impressionar um filme invisível em nosso cérebro.

As cores influenciam o ser humano e seus efeitos fisiológicos como psicológicos, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza ou exaltação ou depressão, atividade ou passividade, equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem, entre tantas sensações ou emoções.

Os estímulos visuais têm características próprias, como tamanho, proximidade, iluminação, cor e conhecer essas propriedades é de fundamental importância aos que utilizam imagens para transmitir mensagens. A cor é uma realidade sensorial da qual não podemos fugir. Atua sobre a emoção humana, produz uma sensação de movimento, uma dinâmica envolvente e compulsiva. Nem a captação instantânea do objeto pode produzir o impacto emocional que a cor proporciona.

Se um indivíduo pensa consciente ou inconscientemente, em uma cor em relação a um determinado uso, é evidente que sua reação não é diante da cor em si, mas da cor em função de algo ou de um estado emocional. Exemplificando: ficar “roxo” de raiva, ou “vermelho” de vergonha. Tantas são as significações através da cor, apesar da mesma não ser matéria, mas uma sensação.

As cores fazem parte da vida da humanidade, por que são vibrações do cosmo que penetram em seu cérebro, para continuar vibrando e impressionando sua psique, para dar um som e um colorido ao pensamento e às coisas que o rodeiam, para dar sabor à vida e um colorido ao ambiente. É uma dádiva que lhe oferece a natureza, na sua existência terrena.

A cor é uma ferramenta mercadológica muito importante. De certo modo, as cores são uma espécie de codificação fácil de entender e assimilar, e por isso pode e deve ser usado estrategicamente como um instrumento didático. As cores formam uma linguagem imediata que tem a vantagem de superar muitas barreiras idiomáticas com seus consequentes problemas de decodificação. Dentro do mundo da embalagem, a cor é fundamental. (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2008, p.121)

Na contemporaneidade, as imagens que compõem o cotidiano, principalmente aquelas vinculadas à moda, publicidade e cinema, são carregadas de significações que apelam às nossas necessidades sociais, para alcançar a identificação almejada. Para isso, dentre as muitas estratégias adotadas na produção de uma composição visual, equipes de criação publicitária valem-se dos significados que são atribuídos às cores. A cor como elemento fundamental, influência na arquitetura, nas pesquisas científicas, na segurança do trabalho, no marketing, na comunicação, entre outras áreas do cotidiano.

Na Arquitetura a cor é utilizada, não apenas esteticamente, mas também com a função de aumentar ou diminuir espaços, avançar ou recuar. Criar ambientes através da aplicação de cores específicas, causando o impacto para o qual o espaço foi projetado.

Em pesquisas científicas, a cor é importante para auxiliar na averiguação de determinados microrganismos. Nestes processos a cor é utilizada como elemento que proporciona contraste, destacando os microrganismos. Sendo assim, possíveis de serem identificados.

Na área da segurança do trabalho, as cores sinalizam, alertam e orientam, garantido um ambiente de trabalho mais seguro. Os riscos ocupacionais são classificados pelo Ministério do Trabalho de acordo com sua natureza: física, química, biológica e ergonômica. Cada tipo é identificado por uma cor, o que facilita a sinalização e favorece a segurança do profissional.

No contexto da comunicação, em especial no marketing, a cor é elemento influenciador na indústria de embalagens, e têm um papel muito importante na escolha de um produto pelo consumidor. Numa embalagem, a cor é um aspecto que, em primeiro lugar, atinge o olhar do comprador. Portanto, é para ela, a cor, que devem se dirigir os primeiros cuidados, principalmente se considerarmos as ligações emotivas que envolvem e seu grande poder sugestivo e persuasivo. A cor na

embalagem pode influenciar o indivíduo em sua necessidade de se alimentar, em seu desejo de possuir saúde, prestígio ou personalidade, ou ainda o desejo de uma aparência mais jovem e de pertencimento.

De acordo com Amorim (1974), “a embalagem tem a mágica função de dar um “psiu” ao comprador. Além disso, deve fazer com que a compra seja renovada, impulsionando o consumidor a ficar fiel a sua marca” (p.147). Nesse contexto a cor é de fundamental importância, dando visibilidade e personalidade ao produto. Torna-se portanto evidente que a presença da cor na embalagem, representa um valor indiscutível.

3 A COR NA CULTURA VISUAL

Cultura visual é um campo de estudos referente à construção visual na arte, nas mídias e na vida cotidiana, tendo a imagem como objeto central e, por meio da qual são produzidos significados em contextos culturais. Segundo Hernández (2007), “a expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar” (p. 22).

Para Mirzoeff (2002), a cultura visual compreende os estudos da vida cotidiana sob a perspectiva pós-moderna do consumidor. Além disso, ele ressalta que cultura visual não se trata da imagem em si, mas de criar narrativas por meio delas. A cultura visual é um espaço de interação social e definição de classes, gênero, identidade sexual e racial. Os costumes sociais são fatores que intervêm na escolha das cores. São usadas em determinadas culturas para diferenciar as mulheres mais velhas das mais jovens. Também são culturalmente usadas para a diferenciação dos sexos, como por exemplo: azul para meninos e rosa para meninas. Porém na atual cultura ocidental, essa utilização tem sido colocada em debate a fim de desmistificar esses estereótipos. Com isso, podemos observar a presença de determinadas cores nas roupas masculinas que antes estavam reservadas somente nas roupas femininas.

[...] falar hoje de cultura visual significa falar de um campo de estudos muito alargado, onde cabem não apenas os estudos de arte influenciados pelos estudos culturais e pelo olhar antropológico, mas toda uma série de estudos sobre arquivos de imagens e o seu cruzamento com diferentes saberes (da medicina, da literatura, da história, da psicologia, entre outros). Nele cabem o papel das imagens como arma política, como conceito de visualidade não necessariamente visual mas necessariamente politizado (CASTRO: MEDEIROS, 2017, p.7).

Além disso, no desenvolvimento de uma identidade visual, na criação de um logotipo ou logomarca, a escolha da paleta de cores deve ser um quesito bem avaliado. A identidade visual tem a responsabilidade de transmitir ao público-alvo todos os valores que aquela marca quer passar. A cor ajuda a obter um resultado mais eficiente.

4 A COR NA ARTE

O século XX foi crucial para a valorização e domínio da cor na arte e na cultura. A arte moderna emancipa a cor como elemento pictórico e passa a considerar a cor como objeto de investigação e material cromático dentro da subjetividade. Dentre os movimentos artísticos da arte moderna, em que a cor foi o principal elemento de investigação e expressão, pode-se citar:

Fauvismo - utilização das cores puras e simplificação das formas, tais como as obras de Henri Matisse (1869 - 1954).

Impressionismo - utilização das cores como impressão, sem contornos fixos (borrões), tais como obras do artista Claude Monet (1840 - 1926), que fez um estudo da Catedral de Rouen sobre a influência da luz sobre a cor.

Abstracionismo - cor, a linha e figuras abstratas, eram seus principais elementos, como podem ser observados nos trabalhos de Wassily Kandinsky (1866 - 1944).

Pontilhismo - utilização das cores primárias sob forma de pontos que justapostos proporcionam a percepção das cores e da imagem, como pode-se perceber em obras de Georges Seurat (1859 - 1891).

Expressionismo - cor e a forma não correspondiam à realidade direta, representado em obras de Amedeo Modigliani (1884 - 1920).

Por sua vez, a arte contemporânea legitima a cor, através de novas técnicas, novas modalidades de imagem e coloca o espectador e o espaço como elementos centrais da experiência cromática. A cor e o espaço se fundem e transformam o cotidiano, como ferramentas da publicidade, informação e narrativas que têm como objetivo levar a arte ao público, através de instalações, murais, entre outros.

Alguns artistas contemporâneos vêm despontando no circuito artístico por ter a cor como elemento principal de seus trabalhos e pesquisa. A seguir serão destacados alguns deles.

Beatriz Milhazes (1961 - atual)

Pintora, gravadora e colagista, a artista produz trabalhos que caracterizam pelo uso da cor integrada a estruturas geométricas, arabescos florais e motivos ornamentais, fazendo um jogo de percepção visual. Por meio da técnica de colagem, utilizando materiais como papel de bala colorido e tecidos como chitão, sua obra surge inesperadamente sobre a composição de motivos geométricos e arabescos criando harmonia no contraste, desafiando o olhar do espectador. Segundo a artista, as cores e os títulos de suas obras precisam gerar um diálogo visual com pinturas, gravuras e colagens entre outras criações.

Figura 3. Phebo, Beatriz Milhazes, acrílica s/tela



Fonte: Disponível em

<https://betomelodia.blogspot.com/2015/11/beatriz-milhazes-pintores-artes-plasticas-brasileiras-visuais-contemporanea-brazilian-painters-artists-art.html>. Acesso em 05 mai 2021.

Hélio Oiticica (1937 - 1980)

Artista performático, pintor e escultor que propõe, em suas obras, experiências com a cor e espaço. Suas obras promovem uma fusão entre cores, estruturas, palavras, danças, músicas e fotografias, constituindo uma importante contribuição para a arte contemporânea brasileira. E, por isso, é considerado um

dos mais relevantes artistas da arte nacional. Para o artista, a “totalidade-obra”, é o ponto culminante de sua experiência realizada com a cor e o espaço.

Figura 4. Invenção da Praça Mágica Penetrável a cor, Hélio Oiticica.

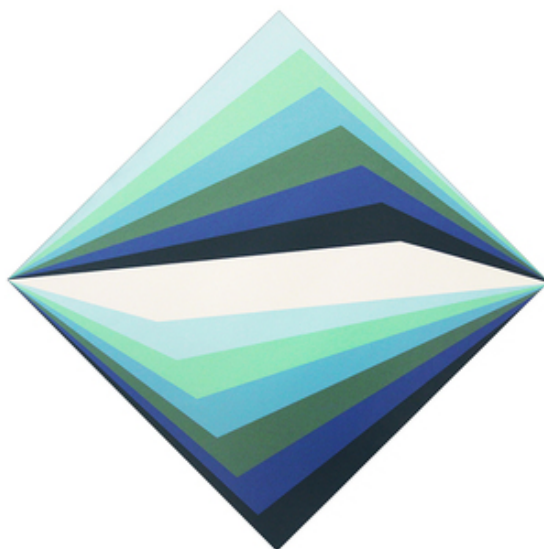


Fonte: Disponível em <https://www.culturagenial.com/helio-oiticica-obras-compreender-trajetoria/>. Acesso em 05 mai 2021.

Hércules Barsotti (1914 - 2010)

Pintor, desenhista, programador visual e gravador, explora a cor e as possibilidades dinâmicas das formas. Utilizou formatos de quadros pouco usuais como losango, hexágono, pentágono e circunferência. E, com a disposição da cor cria a ilusão tridimensional. Sua obra revela, a pesquisa constante de como utilizar a cor para criar volume e movimento na tela, aproximando e fazendo justaposição das formas e das cores.

Figura 5. Sem título, Hércules Barsotti.



Fonte: Disponível em <https://www.espacoarte.com.br/obras/7787-hercules-barsotti>. Acesso em 05 mai 2021.

No percurso da história da Arte, a cor se constitui em base para identificar o período, o contexto sócio cultural e a narrativa da sociedade em cada época. Ela é signo de poder, religiosidade, protesto, tendência, e tem em cada cultura uma possibilidade diferente de influenciar, encantar, dividir. Enfim, um elemento que se faz importante tanto estética como culturalmente.

5 A COR NO ENSINO DE ARTE

A cor na Arte é imprescindível como um dos principais fundamentos da sua construção e compreensão. Por isso, é também necessária nos processos que envolvem o seu ensino. Nas aulas de Arte as cores fundamentam e promovem aprendizagens em prol da compreensão da Arte, da cultura visual e do próprio mundo.

Ao pensar em uma abordagem mais profunda a respeito do estudo das cores na escola, é importante ter em conta a teorização e a prática, como um aprendizado integrado. Ou seja, proporcionar a experiência de entender o conteúdo e realizá-lo efetivamente, utilizando a cor como uma referência para desenvolver, no aluno, sua compreensão da Arte. Aspecto que na maioria das escolas nem sempre acontece, pois muitas instituições carecem de recursos que poderiam proporcionar resultados efetivos. O contato com a materialidade de pigmentos, objetos coloridos e outras ferramentas tecnológicas (*softwares*, câmeras fotográficas, etc.) podem possibilitar ao aluno a conexão com a cor, em si, como também a descoberta de poder produzir cores diversas e suas relações com o contexto onde vivem. Aspectos que estão em concordância com o que os documentos legais.

A BNCC, apresenta o tópico cor em seu objeto de conhecimento “Elementos da linguagem”, ao qual está vinculada a habilidade que aponta a ação de “**(EF69AR04)** analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas (BRASIL, 2018)”. Desta forma, é sugerido elaborar planejamentos que estejam de acordo com o que está normatizado na Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Além disso, existem os livros didáticos, que tem sido ferramenta importante, ou referencial única, em especial, naquelas escolas onde o docente não tem a formação específica, para exercer a referida função. Em breve observação em livros didáticos de Arte, sobre a temática das cores, publicados entre os anos 1985 e 1996, observou-se uma maior relevância e amplitude do conteúdo, quando comparados aos livros produzidos após os anos 2000.

A partir de 2015, através do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, o livro didático de Arte foi distribuído e adotado nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Em 2017, foram adotados no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. Nestes livros, pode-se constatar que a temática cor está diluída entre as temáticas abordadas no livro, e não é tratada como conteúdo ou tópico de estudos específicos. A partir da observação nos livros didáticos de Arte, foi possível compreender, de modo geral, como o estudo das cores vem sendo desenvolvido nas aulas de arte do ambiente escolar.

Richter (2017), afirma que “a cor não existe no cotidiano das instituições nem como sensação visualizada, nem como matéria transformada pelo gesto do corpo sensível e inteligente. Até parece que a cor como experiência sensorial não existe” (p. 57). A autora ainda alerta que apesar da cor não ser um assunto trivial, seu papel na educação é minimizado, omitido e tratado de modo superficial. E alerta que a cor é elemento que se funde à memória das experiências e sentidos. Assim, a cor é também constitui elemento que irá integrar os processos criativos que virão a partir das experiências vivenciadas.

Maria Helena Wagner Rossi (2006) atenta que “em contextos onde a leitura estética é estimulada, há uma transformação na concepção da cor; que passa a ser tratada como constitutiva da expressividade da obra e não mais como elemento isolado” (p.76). Em concordância com a autora, fica reafirmada a importância em abordar esta temática da cor em estudos específicos ou integrados a outros temas.

Neste sentido, para um melhor entendimento de como o estudo das cores está sendo abordado em sala de aula, foram realizadas entrevistas com professores de Arte, os quais, por meio de suas respostas, possibilitaram visualizar um panorama real de como o tema está sendo trabalhado na escola.

Dados e análise das entrevistas

Com o objetivo de entender como se realiza o estudo das cores nas aulas de Arte, optou-se por elaborar um questionário, criando no Google Forms a ser encaminhado para professores de arte. Tal questionário foi compartilhado com professores em grupos de professores de arte existentes no Facebook (Professores

de Arte no Brasil (21,8 mil membros); UFU Artes Visuais (973 membros), ARTEDUCA (1,2 mil membros) Arte Curitiba (1,3 mil membros); AGA (462 membros). Não houve tempo definido para seu preenchimento, contudo o questionário foi aberto em 02 dezembro de 2020 e os dados foram coletados em 27 de janeiro de 2021.

Antes de adentrar nas respostas específicas sobre o estudo de cores na escola, vale apresentar o perfil de professores que aceitaram o convite e preencheram o questionário.

Ao todo 29 professores responderam ao questionário, e entre eles estão representados:

Com relação ao gênero

Mulheres	25
Homens	4

Com relação à faixa etária

Menos de 29 anos	2
30 a 39 anos	7
40 a 49 anos	12
Acima de 50 anos	8

Com relação ao ano de formação

1990 a 1999	5
2000 a 2009	13
2010 a 2020	8
Não mencionaram	2

Com relação ao curso de formação

Artes Visuais	19
Letras	2
História	2
Teatro	1
Pedagogia	4
Turismo	1

Com relação a instituição de atuação

Escola Pública	22
Escola Privada	7

Com relação ao nível de atuação

Educação Infantil	2
Ensino Fund. anos iniciais	7
Ensino Fund. anos finais	15
Ensino Médio	5

Com relação ao local (estado) de atuação

RS -	13
SP -	5
PR -	5
RR -	1
AP -	2
RJ -	1
GO -	1
SC -	1

Dos 29 professores que responderam ao questionário, foram consideradas para um olhar mais aprofundado os professores que atuam no Rio Grande do Sul (RS). Este recorde foi realizado tendo em vista que alguns professores, de outros estados são em número menor e não poderiam ser considerados como uma representação nacional. Dentre os 29 respondentes, 13 atuam no RS e, entre estes, estão:

Com relação a gênero

Mulheres	11
Homens	2

Com relação à faixa etária

30 a 39 anos	1
40 a 49 anos	7
Mais de 50 anos	5

Com relação ao ano de formação

1990 a 1999	3
2000 a 2009	6
2010 a 2020	3

Com relação a área de formação

Artes Visuais	12
Pedagogia	1

Com relação a instituição de atuação

Escola Pública	12
Escola Privada	1

Com relação ao nível de atuação

Ensino Fund. anos iniciais	2
Ensino Fund. anos finais	10
Ensino Médio	1

Tendo em vista que esta pesquisa tem por objetivo compreender de que modo os professores de Artes Visuais estão desenvolvendo estudos sobre cores com seus alunos, serão apresentados a seguir, os resultados obtidos no questionário somente dos professores com formação específica em Licenciatura em Artes Visuais. Sendo assim, os dados a seguir são respostas de 12 professores com

formação em Artes Visuais e atuantes no Ensino Fundamental e Médio no estado do Rio Grande do Sul. A seguir serão apresentadas perguntas, dados respondidos e comentários sobre cada uma das questões.

Questão Como foi sua experiência, como aluno/a, no aprendizado sobre a cor no período escolar? Você teve experiências práticas? Teóricas? Pode contar um breve relato?

Foram obtidas as seguintes respostas: quatro pessoas responderam terem tido experiências teóricas e práticas, citaram estudos de cores primárias e secundárias mas, não detalharam as ações; seis responderam que não tiveram estudos específicos sobre cor; e, duas pessoas responderam de maneira não condizente com a pergunta.

Observou-se que nenhum respondente relatou, com detalhamento, como foi o processo de ensino e aprendizagem em relação ao estudo da cor. Duas pessoas relataram o uso de lápis de cor e giz de cera, sem mencionar como foram utilizados no referido estudo. De um modo geral, os poucos relatos que trouxeram aspectos sobre suas experiências, se referiram mais sobre a materialidade do que aos estudos da cor. No comentário a seguir, nota-se que as ações do ensino de arte estavam voltadas à práticas de desenho e datas comemorativas: “não aprendíamos especificamente sobre cor. Fazíamos muito desenho livre ou atividades relacionadas a datas comemorativas” (Respondente 2). Ana Mae Barbosa, em vídeo (Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GXLeJmE4ns>, acesso em 07 abr 2021) aponta que estas ações são corriqueiras no ensino de arte. Sendo o desenho abordado com maior relevância no percurso da história do ensino da arte no Brasil. Com relação às datas comemorativas, Barbosa e Horn apontam que

[...] alguns meses do ano, as crianças ficam continuamente expostas aquilo que poderíamos chamar de indústria das festas. Elas se tornam objetos de práticas pedagógicas sem o menor significado, que se repetem todos os anos da sua vida na educação infantil, como episódios soltos no ar. Os conhecimentos sobre os conteúdos das festividades são fragmentados e, muitas vezes, simplórios” (2008, p. 38).

As autoras estão se referindo, especificamente, à educação infantil, mas esse método de abordar as datas comemorativas, também se estende aos anos seguintes, no ensino fundamental.

Questão Houve alguma experiência, no contexto escolar, que lhe marcou de maneira especial sobre o estudo das cores?

A partir das respostas relacionadas com a questão, observou-se que: três pessoas tiveram experiências em pesquisa sobre pigmentos naturais, mistura de cores e a produção de uma “estrela de cores”, de acordo com a respondente; oito pessoas responderam que não tiveram nenhuma experiência marcante em relação ao estudo das cores, no percurso escolar; e, uma pessoa que relatou, como sua experiência mais importante uma ação realizada no período da Páscoa quando “...a professora usou uma bacia com água e colocou tinta óleo. Após mergulhou as casquinhas e as mesmas saiam pintadas e muito coloridas” (Respondente 8).

Entende-se que a produção da “estrela de cores”¹, citada por uma respondente, corresponde a alguns estudos semelhantes àqueles desenvolvidos com o círculo cromático. Neste sentido acredita-se que houve algum estudo específico sobre cores, ao realizar esta proposta. Chama atenção a experiência realizada com pigmentos naturais, uma ação que pode-se compreender como algo a ser destacado, visto que não é algo usual no contexto escolar. Talvez a experiência marcante mais corriqueira seja a realização de mistura de cores, citada por acima.

Quanto ao relato da respondente 8, sobre o uso de tinta a óleo, apesar da utilização de tinta e produzir cores, não houve a especificação do estudo das cores nessa experiência. Ao que parece a experiência foi significativa para a respondente, contudo, pelo relato nota-se que tenha sido mais lúdica e diferente das ações corriqueiras da escola. Mesmo porque o uso de tinta a óleo no contexto escolar é incomum. E, ainda, por estar relacionada à uma data comemorativa, subentende-se que a proposta estivesse mais ligada à data comemorativa, em si, do que ao estudo

¹ Foi realizada uma pesquisa, de imagens, na internet, a partir da expressão “estrela de cores” e os resultados obtidos são de produções semelhantes ao círculo cromático.

de cores. Além disso, o fato de ter relatado o processo com detalhes nos permite pensar que o que foi, de fato marcante, foi o processo e não a relação com o estudo de cores.

Questão: Como a cor influencia suas escolhas no cotidiano?

Ao questionar os respondentes em como a cor influencia no seu dia a dia, obtivemos os seguintes resultados: seis pessoas citaram a cor como influência no ambiente doméstico, bem como na escolha em seu vestuário; duas pessoas citaram a relevância da cor no exercício da sua profissão (*design*); uma pessoa relatou a cor como estímulo no seu humor, como ferramenta do seu bem estar; e três pessoas responderam de maneira não condizente com a pergunta.

Entre os relatos recebidos, destaca-se um deles no qual a pessoa afirma ser “uma pessoa que ama cores e ama conjuntos de cores, então elas estão sempre presentes no meu dia a dia, na escolha da decoração da casa, na organização de objetos, na combinações de peças do vestuário... acredito muito na ideia de que as cores determinam nosso astral e realmente mudam nossas vibrações” (Respondente 13). De acordo com Eva Heller (2013), as cores e os sentimentos não se combinam ao acaso, nem são uma questão de gosto individual, mas são vivências enraizadas em nossa cultura, por consequência em linguagem e pensamento. A esse processo devemos a preferência de uma cor a outra, porém no cotidiano as cores estão presentes indiscriminadamente, agindo sobre nossas emoções.

Atenta-se para outros relatos nos quais as respostas estão direcionadas para o uso das cores no cotidiano do profissional do *design*. Neste caso, nota-se que não houve um relato sobre como as cores e sua influência no cotidiano pessoal, apenas o uso delas na produção de *design*.

Questão: O estudo das cores é conteúdo trabalhado nas suas aulas de Artes Visuais?

Nessa questão as respostas foram objetivas e, os doze respondentes afirmaram que sim, este é um conteúdo trabalhado em suas aulas. Esta resposta

pode ter se dado visto que a temática cor integra uma das habilidades apresentadas na área de Linguagens - arte da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, documento legal que norteiam as práticas escolares.

Questão: Se sua resposta anterior for sim, que tipo de propostas são desenvolvidas?

Relativamente a esta questão, observaram as seguintes respostas: Três pessoas mencionaram atividades relacionadas ao significado, efeitos, papel das cores em diversos movimentos artísticos. Seis pessoas relataram experiências com mistura de cores e pintura. Uma pessoa mencionou teoria e práticas com diversas técnicas. Duas pessoas responderam de maneira não condizente com a pergunta.

Quanto ao relato das atividades realizadas sobre o estudo da cor, destaca-se a seguinte resposta:

Percebi que os alunos não sabiam misturar cores primárias para obter marrom, roxo ou outras cores secundárias e terciárias, embora esse fosse um conteúdo que deveria ter sido assimilado no ensino fundamental. Como uma das turmas era voltada pra aprendizagem das técnicas de paisagismo relacionadas ao campo da arte, a cor para eles era importantíssima. Então, trabalhei a teoria das cores com eles de forma aprofundada, realizando atividades práticas que lhes permitissem exercitar as diversas formas de combinar cores de forma harmônica (Respondente 5).

Percebeu-se o interesse em aprofundar o estudo da cor, já que o referido conteúdo não foi abordado no ensino fundamental, contudo, chama atenção no relato a questão da construção de cores a partir das cores primárias não havendo no relato, outros indicativos de estudos ampliados .

De um modo geral, as respostas obtidas apontam que tais docentes estão realizando estudos sobre cor de maneiras variadas. Desta forma, estão incluindo este conteúdo que é tão importante para o ensino-aprendizagem da Arte. Em seu artigo Milena Quattrer (2017), concluiu que: “[...] muitas vezes o ensino da arte é tratado com menor importância em relação aos demais conteúdos da Arte, o que contribui para a perpetuação dos problemas conceituais de ensino da cor.[...] É preciso proporcionar ao professor de Arte, desde sua formação inicial até a formação continuada e aperfeiçoamento, conhecimentos teóricos básicos que o possibilitem compreender a cor enquanto resultante sensível do processo

perceptivo, bem como capacitá-lo na didática desses conceitos para crianças e adolescentes”. Para que o docente possa construir um projeto sobre o estudo da cor, que tenha o conteúdo e a prática satisfatória, este docente deve ter tais ferramentas inseridas na sua formação. Porém essa não é a realidade, a formação é insuficiente não apenas no estudo da cor, como em muitos conteúdos básicos na educação e aprendizagem da Arte, em sala de aula.

Questão: Que referências você utiliza para realizar suas propostas que envolvem o estudo das cores?

Dentre as respostas obtidas, oito pessoas utilizam livros, como por exemplo: livros didáticos; ou, livros específicos sobre a cor; livros técnicos, e, ainda, conteúdos pesquisados na internet. Duas pessoas mencionaram a abordagem sobre pigmentos naturais. Uma pessoa alega utilizar recursos diversos e, outra respondeu de maneira não condizente com a pergunta.

Dentre as narrativas sobre as referências utilizadas, para o estudo da cor, destaca-se uma em que a pessoa relata que em sua infância, sua

mãe tingia roupas para renová-las ou fervia em chá de marcela ou outras ervas ou frutas, panos brancos de sacos de farinha, depois de alvejá-los, para obter tecidos amarelos rosados, roxos, com os quais acrescentando técnicas de crochê, macramê, entre outras, fazia toalhas, guardanapos, panos de louça e até roupas para nós. [...] Também trago referências da minha adolescência, trabalhando direto com tintas na profissão de letrista, na época um serviço muito requisitado. Depois, no curso de Artes Visuais troquei muitas informações com diversos colegas e aprendi muitas coisas novas (Respondente 19).

Esta narrativa é bastante válida pois traz experiências pessoais, porém não ficou claro se alguma dessas técnicas são utilizadas como experiência, em sala de aula, sobre o estudo da cor.

Dentro das referências citadas nas respostas, ficou claro a presença marcante dos conteúdos extraídos da internet, o que é previsível, visto que muitos conteúdos estão disponíveis *on-line*. Os livros, de forma geral, também são uma ferramenta de pesquisa apontada pela maioria, sendo que apenas uma pessoa citou utilizar o livro didático como referência. Em uma observação ligeira sobre estudos da cor livros didáticos de arte, datados entre 1970 e 2010, para faixas etárias da

Educação Infantil e Ensino Fundamental, observou-se que o tema tinha maior abrangência do que os livros didáticos adotados hoje. Atualmente a temática cor, acha-se mencionada na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), na unidade Área Linguagem - Arte, objeto de conhecimento “Elementos da linguagem” cuja habilidade visa reconhecer elementos da Arte. Contudo a BNCC, não aponta como deve ser realizado esse estudo na sala de aula.

Questão: Você utiliza livros didáticos? Se sim, na sua totalidade ou em parte? Você pode citar qual?

Em relação às respostas obtidas: duas pessoas responderam utilizar o livro didático em sua totalidade e mencionaram seus títulos, são eles: coleção “Mosaico - Arte” e coleção “Janelas da Arte”, como os livros didáticos adotados pelas escolas, nas quais são docentes em Artes Visuais. Seis pessoas relataram não utilizar o livro didático, como recurso em suas aulas de Arte. E, quatro pessoas responderam que utilizam o livro didático em parte, juntamente com outros recursos.

Dentre os relatos dos respondentes, destaca-se uma resposta na qual o respondente diz que: “trabalhava muito com imagens, raramente utilizei o livro didático, no caso, o que está disponível para os alunos atualmente é “Percurso da Arte” (Respondente 5). Nesse relato fica evidenciada a rara utilização do livro didático pois os estudos são realizados através do trabalho com imagens. Este relato traz uma situação que intriga uma vez que, os livros didáticos costumam apresentar em seu conteúdo, muitas imagens o que poderia potencializar a prática de leitura de imagens, pois entende-se que cada aluno tenha o seu livro.

Através de olhar anterior em livros didáticos, no desenvolvimento desse projeto, pude observar a pouca relevância da temática cor, como fundamento do seu estudo, no conteúdo dos livros didáticos de Arte, atualmente adotados. Nota-se que a temática da cor encontra-se diluída entre temáticas diversas, sem que seja apresentado um estudo aprofundado sobre o tema em específico.

Questão: Que artistas você utiliza como referências quando trabalha com estudos relacionados a cor?

Dentre as respostas: duas pessoas não responderam a pergunta. Os outros respondentes apontaram artistas diversos, como: Kandinsky, Monet, Mondrian e Van Gogh. Sendo, que estes todos citaram: Mondrian e Van Gogh. Kandinsky e Monet apareceram em 6 respostas. Além destes, também foram citados com menos frequência: Gauguin, Matisse, Paul Klee, Tarsila do Amaral, Joan Miró, Pablo Picasso, Paul Cezanne, Gustav Klimt, Frida Kahlo, Manet, Aldemir Martins, Guto Lacaz e Andy Warhol. Nestas respostas nota-se que ainda são utilizados como referência, os artistas denominados de “grandes mestres”, ou seja, os mais citados nas aulas de Artes Visuais, que invariavelmente são os mesmos.

Nota-se que essas referências podem ser ampliadas ou flexibilizadas, como por exemplo nesta resposta:

[...] Ao trabalhar especificamente o conteúdo de cores, o ideal é mostrar a variedade de formas de utilizar. A cada planejamento posso mudar o artista. Mas é claro que dá pra recorrer a Mondrian quando for trabalhar cores primárias... Mas não gosto de engessar em um *modus operandi*. Confesso que gosto muito de utilizar referências em produções audiovisuais, como nas séries, filmes, comerciais etc, para trabalhar o uso das cores (Respondente 10).

Nesse relato, o respondente viabiliza não só a variedade de técnicas de cada artista, mas também a possibilidade de trabalhar no estudo da cor dentro dessas diferentes técnicas, ampliando o conhecimento dos alunos com relação a História da Arte, quando se refere ao estudo da cor. Ao citar artistas como Tarsila do Amaral, Aldemir Martins e Guto Lacaz, como referencial, nota-se a possibilidade de produzir um contexto da arte nacional com o aluno, que funciona como um canal de identificação com a sociedade em que vive.

Questão: Há alguma experiência como docente em especial, que gostaria de compartilhar?

Nessa questão, duas pessoas responderam não ter nenhuma experiência para compartilhar. Duas pessoas citaram como experiência especial, a produção de escalas cromáticas e jogo das cores. Quatro pessoas mencionaram suas

experiências especiais, citando a utilização de veladuras de tintas, pintura em tela, mistura de cores e mistura de cores com massinha. E, uma pessoa relatou que sua experiência especial aconteceu através de filmes no estudo da cor. Nos relatos relativos às experiências dos respondentes, como docentes, evidencia-se a abordagem das cores em diversas técnicas e variados materiais, desde a pintura em tela até a mistura de cores com massinha, que provavelmente sejam as massinhas de modelar.

A escolha do material para a mistura de cores, nem sempre presta-se a esse objetivo. O estudo da cor através de filmes e séries, pode ser uma experiência interessante, porém, deve haver um estudo prévio, para que o aprendizado desse conteúdo seja efetivo. Dentre os relatos sobre as experiências especiais, destaca-se um no qual o respondente afirma: “Quando ensinei a aplicação de cores através de veladuras na pintura os alunos mudaram completamente os seus trabalhos. Antes faziam massas de tinta e tentavam produzir as cores diretamente na paleta, depois passaram a fazer misturas suaves, sendo capazes de dar nuances graduais na própria pintura” (Respondente 5). No caso desta resposta, nota-se que a experiência especial como docente, foi bastante produtiva, no sentido de viabilizar a utilização da veladura como uma maneira de desenvolver o senso estético dos alunos, além de possibilitar a observação dos mesmos, quanto a graduação das cores em seus trabalhos, através da prática.

Questão: Como é a receptividade no estudo da cor em sala de aula?

Nas respostas a esta questão, observa-se de modo geral que a receptividade dos alunos quanto ao estudo da cor, sendo que dez pessoas responderam ser positiva a receptividade dos alunos ao referido estudo; e duas pessoas não responderam de maneira condizente.

Dentre as respostas destaca-se um comentário no qual se afirma que “os alunos parecem ter medo de inovar, misturar. Preferem usar as cores mais “normais”” (Respondente 2). Mesmo que a expressão “cores mais normais” não esteja explicada, entende-se que talvez a respondente esteja se referindo às opções de cores que compõem uma caixa de lápis de cor, canetas hidrográficas, giz de

cêra, ou opções de cores que estão nos potes de tinta disponíveis. Sobre o fato de os alunos terem “medo de inovar, misturar”, posso relatar que em uma experiência anterior, no estágio de docência tal fato foi também percebido.

Questão: De que forma sua experiência anterior com a cor contribui na sua prática pedagógica do ensino de Artes Visuais?

Dentre as respostas, sete delas não condizem com a pergunta e, cinco respostas apontam que de alguma maneira estudos anteriores, em especial, realizados na escola ou faculdade, são fundamentais para a sua prática docente.

Nos relatos dos respondentes, evidenciou-se que o estudo da cor não esteve presente em sua educação básica, pela ausência de experiências citadas pelos mesmos. Em alguns casos esse estudo aconteceu na formação acadêmica, portanto, sem haverem experiências prévias com a cor, situação recorrente na graduação específica em Artes Visuais.

Por fim, os respondentes foram convidados a deixar algum comentário livre sobre o assunto. Dentre os comentários realizados, evidencia-se um no qual o respondente afirma que “cada vez mais o conteúdo ‘cor’ é trabalhado de forma abrangente, diluído em itinerários pedagógicos” (respondente 10). Este comentário reforça aspectos já mencionados sobre a superficialidade dos estudos sobre cor, inclusive aqueles que estão disponibilizados em livros didáticos.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho, é trazida a questão mobilizadora deste estudo, que foi: Como o estudo da cor é abordado nas aulas de Artes Visuais no espaço escolar? A partir dela, que é o objetivo deste projeto, foi realizada uma pesquisa teórica a partir de teorizações da cor referenciada em estudos de Aristóteles, Da Vinci, Newton e Goethe. Tais estudos científicos, estão relacionados ao campo da Física, Psicologia e Filosofia. Mesmo que sejam estudos datados há séculos atrás, percebe-se que ainda são referências utilizadas em contextos de áreas de conhecimento que fazem uso da cor.

Para compreender, de fato, como a cor está presente nas aulas de Artes Visuais, foi realizada uma investigação a partir de questionário destinado à docentes em atuação na área de Artes Visuais. Como esta ação, foram levantados dados de 29 docentes atuantes em distintos estados brasileiros, tais como: RS, SP, SC, AP, GO, DF, PR, RR e RJ. Para uma coleta de dados inicial todas as participações foram consideradas, porém, para uma investigação mais apurada foi feito um recorte específico com docentes do Rio Grande do Sul. Tal recorte se dá em virtude da ausência de respostas de todos os estados do país. Com isso, não seria possível uma investigação com resultados que dariam um panorama de todo o território nacional. Logo, optou-se por um recorte regional para compreender os estudos da cor nas aulas de Artes Visuais. Dentre os dados coletados, algumas respostas às questões propostas aos docentes de Artes Visuais do RS, eram abrangentes, contudo, outras são mais relevantes no sentido de dar uma visão esclarecedora em relação ao estudo da cor nas aulas de Artes Visuais.

Ao serem questionados sobre os docentes terem tido experiências relevantes sobre cor, no contexto escolar, no momento em que foram alunos, de modo geral as respostas foram negativas ou apontam estudos ditos superficiais. Enquanto docentes, todos os respondentes afirmaram desenvolver estudos relacionados com a cor em suas aulas. Dentre as ações por eles realizadas foram citadas: experiências com pigmentos naturais, mistura de cores, massinha, teoria da cor, estudos sobre o papel das cores em diferentes movimentos artísticos e estudos com técnicas diversas. A abordagem para o referido estudo acontece de várias formas,

não ficando claro como e se o aprendizado sobre a temática é efetivo na formação escolar em Artes Visuais no que tange ao estudo da cor. Mesmo porque alguns materiais citados pelos respondentes, como massinha de modelar, talvez não sejam os mais adequados para uma experiência satisfatória na mistura de cores. Além disso, nota-se que não há proposições que façam uso de tecnologias atuais que fazem parte da vida dos alunos.

Com relação ao uso de referências para realizarem estudos de cor, os professores citaram fazer uso de livros diversos, livros didáticos e conteúdos obtidos na internet. Além disso, citaram fazer estudos relacionados à artistas, tais como: Mondrian, Monet, Kandinsky e Van Gogh. Nota-se aqui, a preferência de artistas renomados e conhecidos, deixando de lado a apresentação de artistas locais e contemporâneos aos alunos.

De modo geral, os docentes entrevistados no questionário, apresentaram a intencionalidade em realizar estudos sobre a teoria e/ou prática do estudo da cor. Contudo, não evidenciaram o modo como realizam suas práticas. Além disso, sabe-se que nem sempre a estrutura das escolas, no que concerne ao espaço físico e a disponibilidade de materiais, faz com que tais proposições sejam realizadas de modo limitado.

Contudo, é importante lembrar que a cor é presente na vida cotidiana das pessoas. Sendo assim, é preciso, ao docente, pensar em proposições alternativas que possibilitem refletir e perceber a cor em distintos contextos socioculturais e, partir deles, pensar em proposições que ampliem os estudos sobre cor com seus alunos.

Na conclusão do questionamento trazido neste estudo, tanto a pesquisa teórica como a investigação junto aos docentes, sobre a real situação do estudo da cor nas aulas de Artes Visuais, trouxe a clareza necessária para elaborar uma opinião assertiva sobre o tema estudado. Nota-se que há carência de estudos mais aprofundados, sobre a cor, desde os primeiros anos escolares e que mobilizam a percepção sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** (2018). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em 28 abr 2021.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão**, 1ª edição, Editora GGBR, 2013

CUNHA, S. R. V. (Org.). **As artes no universo infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2017.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre, Editora Artmed: 2000.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional.** Trad. Ana Death Duarte, Porto Alegre, Editora Mediação, 2007.

QUARTTNER, Milena; GOUVEIA, Anna P. **A cor e o professor de arte: o ensino da cor na educação básica brasileira.** Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15503>. Acesso em 28 abr 2021.

MIRZOEFF, Nicholas, **uma-introdução-cultura-visual.** Trad; Paula Garcia Seguro, Barcelona, Editora Paidós Ibérica, 2003.

MODESTO, F; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das Cores.** São Paulo: Editora Blucher, 2011.

PEDROSA, I. **O Universo das Cores.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2008.

PEDROSA, I. **Da Cor a Cor Inexistente.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2009.

Réplica do disco de Newton. Fonte: Disponível em <https://www.ssplprints.com/image/99813/newtons-colour-disc-apparatus-late-19th-century>. Acesso em 04 nov 2020.

RICHTER, Sandra R. S. Crianças pintando: experiência lúdica com as cores. In CUNHA, S. R. V. (Org.). **As artes no universo infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2017. (p.233 - 266)

ROSSI, Maria H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

ABRAHÃO, Luz, M.; GONÇALVES, Aurélio T.; MELO, Everardo. **Integrando as artes 1.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

ABRAHÃO, Luz, M.; GONÇALVES, Aurélio T.; MELO, Everardo. **Integrando as artes 2.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

ABRAHÃO, Luz, M.; GONÇALVES, Aurélio T.; MELO, Everardo. **Integrando as**

artes 3. são Paulo: Editora Nacional, 1977.

ABRAHÃO, Luz, M.; GONÇALVES, Aurélio T.; MELO, Everardo. **Integrando as artes 4.** são Paulo: Editora Nacional, 1977.

CANTELE, Angela A.; CANTELE, Bruna R. **Arte e Habilidade 5.** Sao Paulo: IBEP, 2007.

CANTELE, Angela A.; CANTELE, Bruna R. **Arte e Habilidade 6.** Sao Paulo: IBEP, 2007.

CANTELE, Angela A.; CANTELE, Bruna R. **Arte e Habilidade 7.** Sao Paulo: IBEP, 2007.

CANTELE, Angela A.; CANTELE, Bruna R. **Arte e Habilidade 8.** Sao Paulo: IBEP, 2007.

SCHILICHTA, Consuelo. A. B. D. **Educação Artística: Pré escola.** Curitiba, Módulo; 1996.

SCHILICHTA, Consuelo. A. B. D. **Educação Artística: 1ª série.** Curitiba, Módulo; 2006.

SCHILICHTA, Consuelo. A. B. D. **Educação Artística: 2ª série.** Curitiba, Módulo; 1996.

SCHILICHTA, C. A. B. D. **Arte e Música, 5ª série.** Curitiba: Módulo Editora, 2006.

SCHILICHTA, C. A. B. D. **Arte e Música, 6ª série.** Curitiba: Módulo Editora, 2006.

SCHILICHTA, C. A. B. D. **Arte e Música, 7ª série.** Curitiba: Módulo Editora, 2006.

SCHILICHTA, C. A. B. D. **Arte e Música, 8ª série.** Curitiba: Módulo Editora, 2006.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 2.** São Paulo: Scipione, 1985.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 2 - caderno de atividades.** São Paulo: Scipione, 1985.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 3.** São Paulo: Scipione, 1985.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 3 - caderno de atividades.** São Paulo: Scipione, 1985.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 4.** São Paulo: Scipione, 1985.

VASCONCELOS, Thelma.; NOGUEIRA, Leonardo. **Reviver: nossa arte 4 - caderno de atividades.** São Paulo: Scipione, 1985.

VENTRELLA, Roseli. **Projeto educação para o século XXI – 5ª série.** São Paulo, Moderna; 2002. (Coleção Link da arte)

VENTRELLA, Roseli. **Projeto educação para o século XXI – 7ª série.** São Paulo,

Moderna; 2002. (Coleção Link da arte)

VENTRELLA, Roseli. **Projeto educação para o século XXI** – 8ª série. São Paulo, Moderna; 2002. (Coleção Link da arte)